

# Arte e cultura (1942-1961)

## Nesta aula

Vamos estudar a vida cultural da sociedade brasileira nas décadas de 1940 e 1950, com o objetivo de responder à esta questão: num tempo de valorização da participação do povo na política, como se manifestava a cultura popular?

### Um novo tempo para a cultura brasileira

A participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial e as mudanças políticas internas após 1945 marcaram um novo momento para a cultura brasileira. A volta dos soldados reforçou a luta pelo fim do regime autoritário do Estado Novo e por maior participação popular.

O governo afrouxou o controle, antes rígido, sobre as manifestações culturais, que acompanhavam as novas atitudes políticas (eleições, novos partidos, legalização do PCB, elaboração de uma nova Constituição – desta vez de forma democrática...).

Nesse mesmo período, os Estados Unidos, em tempos de **Guerra Fria**, queria garantir uma área de influência também cultural no Brasil e entrava no mercado brasileiro com toda força, com a música e o cinema americanos transformados em poderosas indústrias culturais. Nesse momento, surgia uma proposta de auxílio mútuo entre as diversas nações americanas (o **panamericanismo**). Sob a justificativa da solidariedade entre os países do continente, os interesses nacionais norte-americanos se faziam cada vez mais presentes na América Latina e na vida brasileira.

No Brasil esses anos foram, principalmente, tempos de rádio. O rádio era a grande janela aberta para o mundo: trazia informação e diversão, formava opinião, ligava o país de norte a sul – assim como diz a canção das **Cantoras do Rádio**:

*Nós somos as cantoras do rádio  
(...)  
Nossa canção cruzando o espaço azul  
Vai reunindo  
Num grande abraço  
Corações de norte a sul*

## “Este programa pertence a vocês”

*Ela é fã da Emilinha  
Não sai do César de Alencar  
Grita o nome do Cauby (ihhh...)  
E depois de desmaiar  
Pega a Revista do Rádio  
E começa a se abanar.*

**Fanzoca do Rádio**, de Miguel Gustavo

A letra dessa canção zomba do fanatismo de algumas ouvintes de rádio e fala de grandes ídolos musicais da época (Emilinha Borba e Cauby Peixoto). Fala também do mais famoso programa de auditório da Rádio Nacional no Rio de Janeiro – o *Programa César de Alencar* – e da publicação que acompanhava todo esse sucesso: a *Revista do Rádio*.

E o que fazia esses programas de rádio tão populares? O principal motivo é que eles abriam espaço às pessoas, num momento em que **participar** se tornava cada vez mais importante.

Os ouvintes participavam, assistindo aos programas nos auditórios sempre lotados das emissoras de rádio, ou por correspondência, votando nas eleições que eram promovidas para “reis” ou “rainhas” do rádio. Mas também se sentiam participantes apenas escutando o apresentador do programa, que, a cada minuto, se dirigia aos ouvintes, como dizia a música de abertura do *Programa César de Alencar*: “esse programa pertence a vocês!”.

O rádio era um meio de comunicação eficiente. Sabendo disso, o poder público utilizava-se dele para transmitir as falas oficiais do governo no programa **A Hora do Brasil**, transmitido por todas as emissoras. Pelo rádio, procurava-se chegar às regiões mais distantes do país, com a informação e as idéias que se queriam difundir.



**César de Alencar e Marlene: duas figuras extremamente populares por causa dos programas de rádio.**

Além dos programas musicais, das notícias e das transmissões oficiais do governo, o rádio se popularizou com as novelas, como *O Direito de Nascer*. Em 1945, a Rádio Nacional no Rio de Janeiro (conhecida como “A Rádio das Multidões”) transmitia, diariamente, catorze novelas. As famílias se reuniam em torno do rádio e, em muitas casas, o aparelho era um acompanhante que ficava ligado, sempre presente, o dia todo.

Durante os jogos de futebol das Copas do Mundo desse período, e mesmo nos jogos nacionais, o rádio era companheiro inseparável dos torcedores. Quantos brasileiros não choraram, junto com os locutores, em 1950, no último jogo contra o Uruguai, quando, jogando em casa, no Maracanã, o Brasil perdeu a Copa? E quantos não comemoraram, agarrados a seu rádio, o sucesso de 1958?

Assim, nessas duas décadas, o rádio foi se tornando fundamental para a criação de uma cultura brasileira, ou melhor, de uma cultura nacional. Formava opinião, proporcionava prazer e diversão, ligava o país de norte a sul.

Mas, em termos de diversão popular, o cinema nacional não ficava atrás...

### “Os reis do riso”

*“Fazemos comédia – o pior tipo de comédia (...) o disparate vulgar, combinado com um pouco de sexo e frases de duplo sentido. Influência do baixo teatro e do radiologismo mais ruim.”*

Artigo de **Salvyano Cavalcanti de Paiva** na revista *Scena Muda*, 1952.

Apesar do desprezo dos críticos, como percebemos por esse trecho do artigo de Salvyano Cavalcanti, o cinema brasileiro passou a conhecer um tempo de glória com as **chanchadas da Atlântida**. As chanchadas eram filmes cheios de cenas de fazer rir, sustentadas pelo talento de atores como Grande Otelo, Oscarito, Zé Trindade, José Lewgoy, entre tantos outros. Era um tipo de filme muito popular, e o público lotava as salas de cinema para se divertir com as comédias, sempre com muita música, cenas de amor e também com críticas alegres à vida política e cotidiana do povo brasileiro.



**Grande Otelo e Oscarito participaram de várias chanchadas da Atlântida.**

Assim como a programação das emissoras de rádio populares, as chanchadas atendiam ao gosto de um amplo público e influenciavam todo o país, criando ídolos e divulgando um tipo de humor bem carioca.

O Rio de Janeiro levava, pelo rádio e pelo cinema, a cultura da cidade (ainda capital federal) para grande parte do país. Havia produção cultural em outras cidades, mas, nesse tempo, nada tinha a força e a expressão da Atlântida ou da Rádio Nacional, ambas empresas cariocas.

Junto ao cinema, e no mesmo estilo de comédia musicada, estava o **teatro de revista**. Era uma mistura de circo, cabaré, espetáculo musical e comédia de costumes – o “teatro rebolado” (como era também conhecido) trazia para o palco a crítica social e política. O público ria do humor debochado e se divertia com os números musicais, que em geral tratavam de temas da realidade popular: falta d’água, carestia, corrupção. Atrizes como Dercy Gonçalves, Virgínia Lane, Renata Fronzi, entre muitas outras, fizeram sucesso no palco do teatro de revista, no qual a beleza, o talento e o luxo das coristas levavam um grande público a esses espetáculos.

Paralelamente, acontecia a entrada do cinema americano, com os musicais de Hollywood. As estrelas e os galãs norte-americanos passaram a povoar os sonhos de brasileiros e brasileiras...

Junto com o cinema, veio também a música, a moda e a divulgação do ideal americano de vida (o chiclete, a Coca-Cola). Mas, para muitos brasileiros, ficar “americanizado” era uma ofensa... em termos de cultura.

**O cinema nacional ganhou seu primeiro prêmio internacional com o filme O Cangaceiro.**

### Meu Brasil brasileiro

*Brasil, meu Brasil brasileiro,  
Meu mulato inzoneiro  
Vou cantar-te nos meus versos  
(...)  
Oi, abre a cortina do passado  
Tira a mãe preta do cerrado  
Bota o rei congo no Congado  
Brasil, Brasil (...)*

**Aquarela do Brasil**, de Ary Barroso,  
gravada pela primeira vez em 29/05/1942.

O período de 1942 a 1961 caracterizou-se pela valorização da **cultura popular**. Os últimos anos do Estado Novo já haviam dado destaque à cultura popular, em especial às manifestações afro-brasileiras.

No clima de maior liberdade, após 1945, passava a ser importante para o Brasil assumir não apenas seu lado mestiço, mas seu lado nordestino, e o seu lado caipira. Afinal, o Brasil não era só Rio de Janeiro... e isso não poderia ser ignorado num tempo em que o apoio popular era importante!

Ritmos do Nordeste (como o baião, o xote), assim como as duplas caipiras, foram levados pelo rádio até o Centro-Sul do país. Era o tempo de muitos sucessos de Luiz Gonzaga, de Jararaca e Ratinho, de Alvarenga e Ranchinho: todos nas ondas do rádio!

A **literatura de cordel**, muito popular no Nordeste, tornava conhecidas as figuras e as situações políticas que misturavam humor e fantasia, zombaria e louvação. Esse gênero nordestino de literatura cresceu e aumentou o número de exemplares impressos. Exemplo disso foram os livretos contando a morte de Getúlio Vargas no Palácio do Catete, que chegaram a vender mais de 50 mil cópias. Juntando Juscelino Kubitschek, Lampião, o diabo e Padre Cícero, os cordelistas cantavam e narravam histórias e fatos.

Nesse período, as elites intelectuais brasileiras também apostaram num projeto nacional para a cultura. Temas clássicos da cultura brasileira foram levados para o cinema pela Companhia Cinematográfica Vera Cruz (fundada em 1949, em São Paulo). O Teatro Brasileiro de Comédia (TBC, fundado em 1948) montou peças de autores nacionais, consagrando atores e atrizes como Fernanda Montenegro, Paulo Autran, Tônia Carrero, Sérgio Cardoso, Cacilda Becker, Walmor Chagas, entre outros. Muitos desses artistas se tornariam populares astros da televisão, anos mais tarde.

Na música, em 1958, foi lançado um disco que se tornou o ponto de partida para o movimento da **bossa nova**: Elizete Cardoso – famosa pelos sucessos que cantava no rádio – gravou *Chega de Saudade*, de Tom Jobim e Vinícius de Moraes, acompanhada por João Gilberto, na época um desconhecido para o grande público. Iniciava-se, assim, um novo momento para a cultura musical brasileira.

E esse novo momento cultural, não apenas para a música, seria marcado, fundamentalmente, pela televisão.



*“Senhoras e senhores telespectadores, boa noite. A PRF3 TV – Emissora Associada de São Paulo – orgulhosamente apresenta, neste momento, o primeiro programa de televisão da América Latina.”*

Eram dez horas da noite do dia 18 de setembro de 1950, em São Paulo, e o Brasil se tornava o quarto país do mundo a ter televisão. E a televisão havia sido inventada há apenas catorze anos!

Mas o grande sucesso e a popularização ocorreu a partir dos anos 60, quando a magia da televisão conquistou os lares brasileiros. Assim como o rádio, a televisão incorporou as manifestações da cultura popular, transformou essas manifestações e sofreu transformações por causa delas.

O tempo  
não pára

## Exercícios

### Relendo o texto

Leia mais uma vez o texto da aula, sublinhe as palavras que não entendeu e procure o seu significado, no vocabulário da Unidade ou no dicionário.

1. Releia ***Um novo tempo para a cultura brasileira***. Sublinhe na letra da canção *Cantoras do Rádio* uma frase que destaque o papel do rádio como elemento de integração nacional.
2. Releia “***Este programa pertence a vocês***” e cite uma razão para que os programas de auditório no rádio fossem tão populares nas décadas de 1940 e 1950.
3. Releia “***Os reis do riso***” e identifique a que tipo de filme o jornalista Salvyano Cavalcanti estava se referindo ao escrever sua crítica.
4. Releia ***Meu Brasil brasileiro*** e sublinhe na letra da música (documento de época) uma frase que mostre o novo valor dado à cultura popular afro-brasileira no período 1942/1961.
5. Dê um novo título ao texto desta aula.

### Fazendo a História

1. Escreva um pequeno texto sobre o período histórico tratado por esta aula, utilizando as seguintes expressões:
  - rádio:
  - integração nacional:
  - informação:
  - diversão:

